

A CONCESSÃO DE BOMBAIM AOS BRITÂNICOS E SUAS IMPLICAÇÕES NO TERRITÓRIO DE BAÇAIM (1661-1668)	515
ANDRÉ TEIXEIRA, ISABEL ALMEIDA e PEDRO NOBRE	
AMBASSADORS, ADVENTURERS, TRAVELLERS AND THEIR WRITINGS: THE ROOTS OF ANGLO-PORTUGUESE RIVALRY IN PERSIA AND IN THE PERSIAN GULF (LATE 16 TH -EARLY 17 TH CENTURY)	557
VASCO RESENDE	
A PAISAGEM URBANA DE NOVA GOA, ENTRE A “VELHA CIDADE” E OS TEMPOS MODERNOS	575
ALICE SANTIAGO FARIA	
THE EDGES OF EMPIRE: INDIGENIZATION AND LOCALIZATION OF THE “BLACK PORTUGUESE” IN SEVENTEENTH AND EIGHTEENTH CENTURY EASTERN INDONESIA	593
LEONARD Y. ANDAYA	
GRUPOS POPULACIONAIS E DINÂMICAS DEMOGRÁFICAS NAS ILHAS DE GOA (1720-1830)	615
PAULO TEODORO DE MATOS	
WHITE WOMEN IN PORTUGUESE INDIA AND IN THE BRITISH RAJ	633
FÁTIMA DA SILVA GRACIAS	
ENTRE SOLIDARITÉ CATHOLIQUE ET RÉSEAUX D’INFLUENCE. RELA- TIONS LUSO-FRANÇAISES EN INDE À L’ÉPOQUE DE DUPLÉIX	649
ERNESTINA CARREIRA	
A DINÂMICA DO COMÉRCIO INDO-BRASILEIRO: TÊXTEIS, METAIS PRE- CIOSOS E OUTRAS TROCAS COMERCIAIS (1808-1820)	667
LUÍS FREDERICO DIAS ANTUNES	

NOTA INTRODUTÓRIA

O 1.º Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa decorreu em Pangim, no ano de 1978. A historiografia luso-indiana dava então os primeiros passos, depois do restabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e a Índia. A comunidade historiográfica era bem menos numerosa e muitos temas quedavam por estudar; além disso, as feridas abertas pela própria História ainda estavam a sarar, e diversas comunidades científicas trabalhavam, as mais das vezes, de um modo isolado. Os fundadores deste seminário procuraram criar um espaço de diálogo que ligasse académicos de origens diferentes e que permitisse a emergência de uma nova geração de investigadores com dimensão internacional, capaz de estudar os temas da história luso-indiana de modo mais desapassionado e mais científico, e com um maior conhecimento do que era produzido nas mais variadas partes do mundo.

Desde então, o Seminário de História Indo-Portuguesa reuniu mais 11 vezes, em 1980 (Lisboa), 1983 (Pangim), 1985 (Lisboa), 1989 (Cochim), Macau (1991), 1994 (Pangim), 1996 (Angra do Heroísmo), 1998 (Nova Delhi), 2000 (Salvador da Baía), 2003 (Dona Paula-Goa) e, finalmente, entre 23 e 27 de Outubro de 2006, de novo em Lisboa. Cremos que esta 12.ª reunião fez jus, uma vez mais, ao espírito com que o Seminário fora criado havia 28 anos. Como sucedeu sempre nestes encontros, participaram simultaneamente muitos historiadores consagrados, com um longo currículo em torno da história luso-indiana e com diversas participações no Seminário, junto com jovens que se estreavam no Seminário e que, em muitos casos, estavam ainda numa primeira fase da sua vida académica e profissional.

Em 2006, o Seminário voltou a Lisboa, passados 21 anos. Cumprira, entretanto, uma itinerância que possibilitara abordagens específicas a

regiões, como o Malabar, o Mar da China, a Província do Norte, ou o Brasil, ou a temas como a Carreira da Índia ou os intercâmbios científicos. Neste regresso ao continente europeu foi o tempo próprio para analisar um outro interlocutor do Estado da Índia, diferente dos potentados asiáticos – os rivais europeus.

A competição entre os Portugueses e os demais europeus pelo domínio das rotas da Ásia e pela afirmação de zonas de influência nesse continente longínquo, começou antes da viagem de Vasco da Gama, com as expedições castelhanas e inglesas em direcção ao Ocidente. Prosseguiu, depois, de forma discreta, ao longo da centúria quinhentista, quando só a Coroa castelhana foi capaz de desafiar pontualmente a hegemonia portuguesa, sobretudo após o estabelecimento nas Filipinas. O monopólio luso da rota do Cabo afastou as outras potências do Índico enquanto a Coroa portuguesa era capaz de manter uma política de neutralidade europeia e de fornecer aos seus parceiros comerciais os produtos orientais tão desejados.

Após a integração na monarquia filipina, Portugal sujeitou-se a uma nova política externa, marcada pelo conflito com os seus antigos aliados, a Inglaterra e os Países Baixos. Após a derrota da Invencível Armada, o Índico tornou-se acessível para os inimigos de Madrid e de Lisboa, e o Estado da Índia foi surpreendido pela chegada de rivais inesperados, que tinham os meios humanos e militares capazes de romper com as tradições asiáticas a que os Portugueses se tinham adaptado numa situação de supremacia.

Durante décadas o Estado da Índia procurou resistir à pressão dos inimigos, mas o império marítimo quinhentista estava condenado à derrota, e ruiu fragorosamente por meados do século XVII. Para isso, muito contribuíram também as potências asiáticas, inimigas dos Portugueses, que encontraram nos Holandeses e nos Ingleses aliados preciosos capazes de inverter os equilíbrios estratégicos existentes. No entanto, o Estado da Índia não foi aniquilado. Tal como o Império Português na sua globalidade, adaptou-se à nova realidade e evoluiu para uma lógica de territorialidade. Por isso mesmo, todas as posições que estavam associadas à posse de territórios sobreviveram naquela altura, e reformularam-se, quer na Ásia quer na África Oriental.

As rivalidades europeias não se confinaram à disputa comercial e à guerra contra ingleses e holandeses. Também a França procurou ganhar força no Oriente e também as tensões internas da Igreja se repercutiram

nos territórios asiáticos. Desde 1622, a Santa Sé criou condições para que o direito exclusivista de Padroado da Coroa portuguesa sobre a Ásia pudesse ser questionado e os conflitos jurisdicionais e missionológicos sucederam-se ao longo dos séculos. A Coroa francesa foi muitas vezes o principal apoiante dos padres da *Propaganda*, mas também os padres do *Patronato* espanhol provocaram embaraços aos interesses portugueses, criticando a acção dos missionários do Padroado, ou apoiando mesmo os interesses mercantis de Manila, concorrenciais com os de Macau.

*
* *

Foram estas tramas complexas que os participantes no 12.º Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa se dispuseram a analisar em muitos dos seus aspectos. Apresentamos, pois, neste volume a quase totalidade das comunicações apresentadas na reunião de Lisboa, estando certos que esta obra trás mais um contributo válido para o desenvolvimento da historiografia indo-portuguesa, e agradecemos a todos os que o tornaram possível.

Lisboa, 10 de Janeiro de 2010

JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA
&
VÍTOR LUÍS GASPAR RODRIGUES